



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
CURSO LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**A HISTÓRIA DA ALDEIA MANGA<sup>1</sup>**

Graciléia dos Santos

Lucélia dos Santos<sup>2</sup>

**RESUMO**

Esta pesquisa pretende mostrar a história da Aldeia Manga, localizada na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque-AP. A referida aldeia teve sua origem no início da década de 1970, com o deslocamento das famílias Karipuna vindas da Aldeia Santa Isabel e posteriormente de outras aldeias. Nosso objetivo é discutir e identificar os motivos que levaram as famílias a buscarem um novo local de moradia, bem como, compreender seu modo de vida e as principais dificuldades enfrentadas ao longo dos anos, comparando a vida na comunidade no passado e no presente. Para realizar esse trabalho fizemos pesquisas de campo, onde conversamos com as pessoas idosas e moradores antigos da comunidade. Fizemos leituras sobre as pesquisas realizadas junto aos Karipuna, dentre os quais destacamos Nara Aniká (2011), Walter Vasconcelos dos Santos (2011), Antonela Tassinari (2003), Eneida Assis (1980) e Carlos Ricardo e Dominique Gallois (1983). Buscamos recuperar fotografias junto aos moradores com o objetivo de visualizar diferentes momentos das famílias e da aldeia, onde observamos mudanças ocorridas.

---

<sup>1</sup>Artigo elaborado em exigência para obtenção do título de graduado em Licenciatura Intercultural Indígena – Linha de Formação Ciências Humanas pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, orientado pela Prof.<sup>a</sup> MSc. Rejane Aparecida Rodrigues Candado. Oiapoque-janeiro, 2014.

<sup>2</sup> Acadêmicas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena – Ciências Humanas/UNIFAP e professoras de Ensino Fundamental da Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá - Aldeia Manga.

# **1. OS KARIPUNA E OS POVOS INDÍGENAS DA REGIÃO UAÇÁ**

## **1.1 BREVE HISTÓRICO**

Segundo Curt Nimuendajú citado por Antonela Tassinari (2003, p.111-113), os Karipuna do Curipi foram formados a partir de dois grupos de migrantes provenientes do Pará, em fins do século XIX, onde o primeiro grupo é formado por duas famílias de refugiados cabanos, e o outro é formado por algumas famílias da costa paraense migradas no início do século XX, juntando-se a pessoas de origem indígena e não indígena que se identificavam como pertencentes à etnia Karipuna. Dessa forma Nimuendajú se refere a eles como os “brasileiros do Curipi” em 1925. A língua falada por parte do grupo era o Nheengatu, língua geral desenvolvida pelas missões jesuíticas na Amazônia, mas a grande maioria usava o português para se comunicar.

Entretanto, estas duas línguas foram substituídas, num período de duas ou três gerações, por uma língua que adotaram como língua materna denominada patoá (Kheul), de origem francesa. O contato que os Karipuna e outros índios da região mantinham com os crioulos da Guiana Francesa fez com que eles substituíssem a língua pela que falam atualmente.

Carlos Ricardo e Dominique Gallois (1983) afirmam que foi por volta de 1930 que os Karipuna fixaram moradia em uma única aldeia, hoje denominada Espírito Santo. A primeira família a chegar no local, foi a do senhor João Teodoro Forte, em torno de uma Capela construída pelos missionários em fins do século XIX, em seguida outras famílias vieram a construir suas casas. Por volta de 1940 o senhor “Coco”, morador da Aldeia Espírito Santo, construiu uma grande casa em uma ilha próxima a atual Aldeia Espírito Santo e, ali, estabeleceu o seu comércio, fundando a Aldeia Santa Isabel. A busca por trabalho levou muitas famílias a mudarem-se para a nova aldeia, que cresceu rapidamente.

A população foi aumentando e com isso as roças foram ficando cada vez mais distantes, sendo que as famílias “subiam” o rio à procura de terras férteis para o plantio da mandioca e derivados, além das frutas regionais, estas que eram à base de alimentação do povo Karipuna.

## **1.2 LOCALIZAÇÃO DO POVO KARIPUNA NO AMAPÁ**

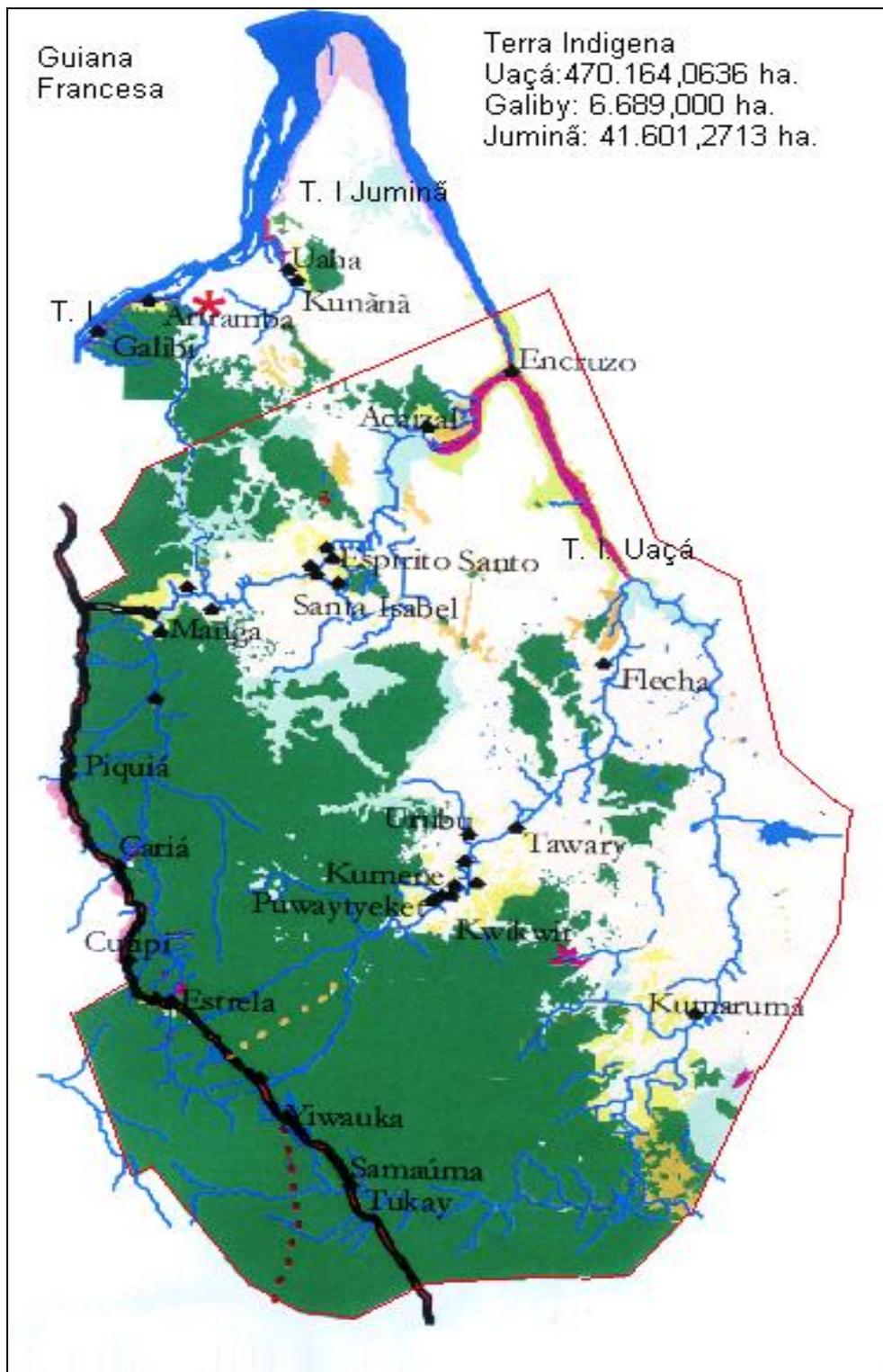
A partir de Walter Vasconcelos dos Santos (2011) e Nara Aniká (2011) encontramos algumas informações pertinentes quanto a localização atual dos Karipuna de Oiapoque, bem como dados sobre esta população. O espaço territorial ocupado pelos Karipuna no passado foi regularizado pelo governo federal em 1991, após determinação da Constituição Federal de 1988, que previa 5 anos para a demarcação das Terras Indígenas. Na Terra Indígena Uaçá, os Karipuna estão distribuídos em três grandes aldeias, a Aldeia Manga, Aldeia Santa Isabel, Aldeia Espírito Santo e em outras menores ao longo do rio Curipi, como Encruzo, Açaizal, Jôdef, Baixubal, Bastiõ, Zacarias e Japiim.

Há também alguns grupos familiares Karipuna distribuídos em 5 aldeias nas margens da BR 156, como no Km 40 com a Aldeia Piquiá, no Km 50 com a Aldeia Curipi, no Km 60 com a Aldeia Cariá, no Km 66 com a Aldeia Arrumã e no Km 70 com a Aldeia Estrela. Além de estarem presentes em uma aldeia localizada no igarapé Juminã, na Aldeia Kunanã e uma na Terra Indígena Galibi, Aldeia Ariramba. Esses grupos mantêm contato entre si e com outros povos que estão localizados na mesma região, sendo eles Galibi-Marworno e Palikur na Terra Indígena Uaçá e Galibi-Kalina na Terra Indígena Galibi.

A população Karipuna soma aproximadamente 3.225 pessoas (FUNAI – Oiapoque 2010), falantes da língua Kheul e também do português, que é falado com maior frequência entre os mais jovens. A Aldeia Manga está localizada na margem esquerda do rio Curipi, distante 6km da BR 156 e 24km da cidade de Oiapoque (VASCONCELOS DOS SANTOS, 2011). Atualmente, conforme o Censo da FUNASA de 2013 a população da Aldeia Manga é de 981 habitantes.

No mapa a seguir podemos observar as terras indígenas de Oiapoque, bem como, a Terra indígena Uaçá e, nela, a localização da Aldeia Manga.

Mapa 01: Localização das aldeias e terras indígenas de Oiapoque, 2013



Fonte: Disponibilizado por Anatana dos Santos, Museu Kuahi.

## 2.OS PRIMEIROS ANOS DA ALDEIA MANGA

Por volta de 1970, o senhor Florêncio Primo dos Santos e sua esposa dona Davina Monteiro dos Santos, acompanhados de seus três genros, Teodoro dos Santos, Olímpio Forte e Mário dos Santos, resolveram subir o rio em busca de terras férteis para fazerem suas roças. No ano de 1972 resolveram fazer suas primeiras roças e um carbe – casa de farinha inicialmente construída de palha –, onde hoje se encontra Aldeia Manga.

Mapa 02: Mapa com informações sobre as primeiras habitações da Aldeia Manga



Fonte: Elaborado por Graciléia dos Santos, 2014.

Podemos observar no etnomapa a ocupação territorial, bem como a disposição das primeiras casas. O etnomapa foi elaborado a partir de conversas com dona Constância Monteiro dos Santos, dona Cesária Monteiro dos Santos e Ivan Iaparrá.

Os novos moradores deram ao lugar o nome de Manga porque ao chegarem ali encontraram uma grande quantidade de mangueiras na beira do rio, acreditavam que as mangueiras nasceram no lugar porque antigamente muitos pescadores quando passavam por lá jogavam os caroços da fruta da mangueira no local, conforme nos relatou dona Constância Monteiro dos Santos. O senhor Jason Leal de Freitas disse que além de mangueiras, encontraram também bambus e cafeeiros, por isso acreditam que o lugar foi habitado anteriormente, mas não tem conhecimento dessas pessoas. Em seguida apresentamos a fotografia do senhor Florêncio e de dona Davina.

Fotografia 01: Fundadores da aldeia Manga, senhor Florêncio Primo dos Santos e dona Davina Monteiro dos Santos



Fonte: Dionísio dos Santos, arquivo pessoal, 2012.

A partir das entrevistas com o senhor Jason Leal Freitas, dona Constância Monteiro dos Santos, dona Cesária Monteiro dos Santos, senhor Luciano dos Santos e senhor Floriano dos Santos, primeiros moradores da Aldeia Manga, encontramos relatos sobre os motivos que corroboraram para a busca por um novo lugar de moradia e as condições enfrentadas por eles e suas famílias nos primeiros anos. As informações a seguir constituem uma síntese de seus relatos.

A saída da Aldeia Santa Izabel foi motivada porque em suas roças situadas nas ilhas perto da aldeia haviam bastante formigas que estavam impedindo o cultivo das

roças. Além disso, com o crescimento da população estava ficando difícil encontrar terras boas para fazer roças perto dali. Decidiram então procurar outro local, onde poderiam trabalhar tranquilamente. Subiram o rio e encontraram uma ilha próxima de terra firme e resolveram fazer suas roças lá. Logo que chegaram fizeram um carbe e depois fizeram suas casas, todas muito simples com coberturas de palha, assoalho de jussara<sup>3</sup> e os esteios roliços de caniço<sup>4</sup>. Depois, foram buscar as suas famílias para conhecerem o local. Moraram por cinco anos nesta ilha chamada Januel e depois resolveram atravessar para terra firme na atual Aldeia Manga, onde construíram novas casas.

Após a chegada da família do senhor Florêncio Primo dos Santos, foram se estabelecendo novas famílias de outras aldeias, como da Aldeia Txipidon e Santa Izabel. Logo que chegavam pediam ao senhor Florêncio um terreno para fazerem suas roças e suas casas e o mesmo sempre cedia, afirmando que não tinham problemas porque a terra não era comprada. Com o passar dos anos a aldeia foi crescendo cada vez mais e ficando muito bonita. Tudo começou no ano de 1973, data que ficou marcada na história e até hoje é uma referência muito importante para os mesmos.

A família do senhor Henrique dos Santos e Edite dos Santos também vieram morar na aldeia, fizeram sua casa próxima à cachoeirinha no ramal. Como a aldeia estava crescendo, surgiu a necessidade de ter um cacique para ajudar na organização da comunidade, então o senhor Florêncio pediu ao senhor Henrique que se tornasse o primeiro cacique da aldeia, assim, este passou a governar por muitos anos até sua saída para fundar a Aldeia Estrela na BR 156, no km 70, localizada nas cabeceiras do rio Curipi.

No início as famílias encontraram muitas dificuldades em relação ao transporte, a saúde e a educação. O principal problema no início era o transporte, pois só existia um caminho até a cidade de Oiapoque e as famílias carregavam no jamaxi (paneiro feito de folha de jussara) os produtos cultivados nas roças a serem vendidos no mercado da cidade de Oiapoque. Por isso, foi necessário a construção do ramal ligando a Aldeia Manga até a BR 156, conforme nos conta o senhor Jason Leal de Freitas:

[...] O surgimento deste povoado, que hoje conhecemos por Aldeia Manga, foi uma consequência da construção do ramal rodoviário realizado pelo governo do Amapá, acredito eu, com intuito de beneficiar as comunidades indígenas, que até então só tinham os rios para deslocamento até a sede do município. Era um caminho longo, demorado e até mesmo perigoso, pois o meio de transporte

---

<sup>3</sup>Palmeira Açai, conhecido também como jussara, todos os entrevistados utilizaram o nome jussara.

<sup>4</sup> Caniço é uma árvore da região escolhida para fazer casas por ser resistente.

era feito por pequena canoas que carregavam os produtos agrícolas da região, começaram também passar muitas vezes pessoas doentes para atendimento médico. Um dos motivos para ocupação da região foi sem dúvida, entre outros os de garantir a presença dos nativos numa região que já começava a ser cobiçada e invadida por pessoas que tiravam a pesca e a caça.

Os entrevistados compartilham a opinião de que no passado quando não existia o ramal, a dificuldade maior era o transporte, pois moravam na Aldeia Santa Izabel e para chegarem ao Oiapoque tinham que passar pelo Oceano Atlântico ou pelo campo de várzea alagado. As canoas eram pequenas e cobertas com palhas para se protegerem do sol e da chuva. Aconteciam muitos acidentes principalmente na travessia pelo oceano, pois era uma viagem longa e precisavam de uma semana para chegar até Oiapoque, enquanto que pelo campo passavam três dias para chegar. No verão, o campo alagado secava e o transporte ficava muito difícil.

Relatam também que nesse período a vida na Aldeia Santa Izabel era muito complicada, pois tinham dificuldades com a falta de alimentos e a saúde e educação escolar eram precárias. Nessa época era o pessoal do Exército Brasileiro que dava apoio para as comunidades levando remédios. Foram essas e outras dificuldades que levaram o senhor Manuel Primo dos Santos, cacique da Aldeia Santa Izabel, a convocar os indígenas da comunidade para abrirem o ramal entre a Aldeia Manga até a BR 156, com a finalidade de facilitar as viagens de ida e volta para a cidade de Oiapoque. Tempos depois, o ramal foi ampliado com ajuda da prefeitura que contratou uma empresa para a execução do serviço, a pedido das lideranças da comunidade. Vejamos o que nos diz o senhor Luciano dos Santos sobre a história do ramal:

[...] O ramal do Manga foi feito pelos indígenas, aí veio uma companhia e a companhia contratou só indígenas para fazer a abertura desse ramal, inclusive vieram parece, vieram 40 pessoas para fazer a abertura desse ramal, é o capataz dessas 40 pessoas era chamavam pra ele de Manjô, então ele que era o chefe do serviços do ramal, da abertura do ramal, inclusive perdemos um indígena que era até Palikur, ele morreu derrubando esse ramal, derrubando a mata, ele morreu debaixo de um pau, agente chamava pra ele Jorge Iaparrá, então, ele foi morto na abertura desse ramal, primeiro foi feito só a derruba, derrubaram todinho e depois veio a máquina para abrir esse ramal. Antes as pessoas iam só mesmo nesse caminho até Oiapoque inclusive, perdemos também um indígena quando estava esse caminho, ele e sua família vieram e levaram farinha no jamaxi até o Oiapoque, como eram longe dormiram no meio da estrada, aí veio um caçador branco, aí ele viu um olho a noite ele atirou encima desse olho, parece que era o pai da família, feriu os filhos também, mais opai mesmo morreu, então tudo essa dificuldade nós tivemos logo no início, que é muito difícil o acesso, então tudo isso nós tivemos perca, graça a Deus hoje a gente está melhor, com 20 a 30 minuto a gente vai no Oiapoque faz a sua compra e volta. Pra gente foi um sacrifício.

Na fotografia a seguir temos o registro fotográfico do ramal que liga a Aldeia Manga até a BR 156.

Fotografia 02: Caminhão que transportava as pessoas entre a Aldeia Manga até a cidade de Oiapoque



Fonte: GALLOIS, Dominique; RICARDO, Carlos A. (Org.). **Povos Indígenas no Brasil**. Volume 03 Amapá/Norte do Pará. CEDI, São Paulo, 1983, p. 78.

Quanto à educação escolar, desde o início era uma preocupação das famílias, pois a comunidade estava crescendo e os pais queriam o melhor para seus filhos, então resolveram construir uma escola e tiveram apoio do senhor Manuel Antônio que doou sua casa que ficava próxima a margem do rio para servir de escola, deixando a comunidade contente. O primeiro professor foi o Medina, ele trabalhava de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. Antes do professor se dirigir para a sala-de-aula primeiramente fazia a merenda dos alunos e, logo em seguida iniciava sua aula. Este professor trabalhou vários anos na Aldeia Manga, como narrou dona Constância Monteiro dos Santos.

Em entrevista com o senhor Luciano dos Santos, observamos o cuidado das lideranças e da comunidade com a conservação da escola, o que demonstra a valorização que os Karipuna têm com a educação:

[...] a comunidade fizeram uma escola, dona Maria Bezerra era prefeita aí ela fez uma escola que até hoje nós temos essa escola que é a Jorge Iaparrá que nossas crianças, né estudaram ainda nessa escola que nós soubemos conservar ela, fizemos já a manutenção várias vezes nela fizemos várias reforma, então

hoje temos ainda essa escola através da prefeita Maria Bezerra, ainda até hoje existe essa escola no mesmo local até hoje nós temos essa escola mais é como eu acabo de fala ninguém deixa cair quando começa quebra uma tabua, esbandalha qualquer coisa dela, o telhado agente recupera ai mesmo é por isso, que temos ela até hoje, através dessa prefeita que é a Maria Bezerra, olha esse professor trabalhava, ele iniciou com todas as séries ele trabalhava sozinho, depois que começou é quando teve essa outra escola que a prefeita construiu ai já começou ter apoio de outros professores.

Em relação a saúde, nos anos 1970, o principal problema era a malária, inimiga maior das famílias que eram tratadas apenas com remédios caseiros. As crianças passavam de 2 a 5 anos sem ser vacinadas, sem um tratamento médico.

Nesta época a Fundação Nacional do Índio – FUNAI construiu uma enfermaria e contratou um atendente chamado Francisco Jason Leal de Freitas, que vive na área indígena desde pequeno. A FUNAI, junto com a Secretaria de Saúde do Território Federal do Amapá, desenvolveu alguns programas, como campanhas de vacinas e fornecimento de medicamentos. O senhor Francisco Jason nos disse que atendia tanto as pessoas da Aldeia Manga como também de outras comunidades, indo fazer também o atendimento de canoa, porque não tinha outro meio de transporte como o motor de popa e o barco. Antigamente era difícil o uso de medicamentos da farmácia porque a Secretaria de Saúde não fornecia medicamentos suficientes para suprir as necessidades das aldeias, por isso as pessoas usavam as ervas medicinais para curar alguns tipos de doenças como a malária, a gripe e a diarreia.

## **2.1 NOSSAS FESTAS E RITUAIS**

De acordo com nossos costumes do povo Karipuna na Aldeia Manga realizamos o Turé, festa tradicional que acontece sempre nos meses de setembro a novembro e constitui um momento para reunir os habitantes da comunidade, onde cada pajé é responsável pela organização da festa. Toda a comunidade é convidada a participar da festa, no entanto, nem todos participam do ritual ou podem entrar no Laku que é o espaço onde acontece a dança do Turé, conforme podemos observar na fotografia a seguir. Durante a preparação do Turé os participantes têm que seguir algumas regras do pajé como não comer peixe, não atravessar os bancos do Laku, não entrar com sandália, entre outras. Nesse momento são convocados os seres sobrenaturais, chamados de karuãna, para participar da dança, quando o pajé oferece o caxixi, que é uma bebida especial e

fermentada feita de mandioca, batata doce e cana de açúcar; bebida oferecida em vários momentos da festa como uma forma de dar boas-vindas aos karuãna para que a festa transcorra bem durante a noite toda.

Fotografia 03: Ritual do Turé sendo realizado em 22 de novembro de 2013, na EIE Jorge Iaparrá



Fonte: Graciléia dos Santos, 2013.

Até o ano de 2012 o Turé era realizado nos mês de abril durante a “Semana do Índio”, realizada pela Escola Jorge Iaparrá, quando a comunidade escolar fica responsável pela execução da festa na aldeia enquanto “representação”, pois não havia preparo e nem era exigido às regras, apenas as crianças pequenas participavam para não esquecerem que o Turé faz parte de nossa cultura.

No entanto, a partir de 2013 a escola convidou a comunidade para refletir sobre a importância do Turé e a necessidade de realização do ritual. Isso aconteceu porque na escola há dois professores que trabalham as disciplinas de Cultura Indígena e de Língua Materna, esses professores veem de um longo processo de formação no movimento indígena e na universidade, pois ambos concluíram o curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Na escola muitos professores do Ensino Fundamental também cursaram ou cursam a Licenciatura Indígena e muitos estudaram no Magistério Específico para

Indígenas, lugar onde ocorre reflexão sobre a revitalização cultural, contribuindo para a retomada do Turé que passou a ser realizado no mês de novembro.

Há também as festas católicas que são consideradas pelos Karipuna como uma forma de agradecer ao “Santo” pelas promessas alcançadas com a cura de doenças, com isso, até hoje continua os festejos e comemoram-se no mês de junho a festa de Santo Antônio, de São João e de São Pedro; enquanto dezembro é o mês de Nossa Senhora de Guadalupe. Para realizar essas festas de “Santo” é preciso que a pessoa responsável trabalhe em conjunto com sua família para festejar no ano seguinte. O festeiro é responsável pela alimentação e bebida durante os três dias de realização da festa. Na Aldeia Manga a padroeira é Nossa Senhora de Guadalupe, festejada no dia 12 de dezembro. Esta Santa foi escolhida como padroeira depois da realização de um milagre contado pelos mais velhos, em que uma jovem da comunidade que se encontrava grávida e teve um filho de macaco e morreu. Por isso, essa jovem resolveu fazer uma promessa para esta Santa para ter um filho normal e esse milagre aconteceu na próxima gravidez. Assim, até hoje a festa é realizada.

## **2.2 A ECONOMIA TRADICIONAL E NOVA ECONOMIA**

As roças, os frutos, a caça e a pesca são os principais elementos de subsistência da economia tradicional dos povos indígenas Karipuna, Galibi-Marworno e Palikur. Durante o plantio da roça (mutirão/maiuhi) há uma divisão de trabalho entre homens, mulheres, moças e rapazes. Cada um tem sua tarefa. Os mais velhos cortam a maniva, os rapazes carregam a maniva, as moças jogam as manivas nas covas, as senhoras plantam e os senhores cavam. As crianças acompanham e observam as mães no plantio da roça e também ajudam a fazer algumas tarefas como levar maniva e plantar. Nas roças são cultivadas mandioca, macaxeira, cara, jerimum, banana, abacaxi, cana-de-açúcar e batata doce. Também no lugar das roças, perto do carbe e perto das casas plantamos árvores frutíferas como laranjeiras, tangerineiras, abacateiro, jaqueira e, atualmente, o açai.

A roça é um momento onde as famílias reúnem-se para trabalhar, contar histórias de antigamente e, também, ensinar os jovens a fazer alguns tipos de objeto, como paneiro, peneira, tipiti, remo e flecha. Esse aprendizado acontece no período de meio dia e depois das pessoas voltarem ao trabalho. No entanto, aconteceram várias mudanças na

comunidade que reflete no plantio das roças, impedindo em grande parte a troca de conhecimentos. Um dos fatores dessa mudança é a presença da escola que impede a convivência nos horários da família.

Antigamente as pessoas nem precisavam sair longe das casas para pescar ou caçar, quando alguém da família caçava e pescava em grande quantidade sempre dividia com os parentes. A fartura era muito grande porque tinham poucos moradores na aldeia, mas com o passar dos anos a população foi crescendo, como nos relata dona Constância Monteiro dos Santos:

(...) a mata estava ficando cada vez mais distante e as caças já estão mais difícil de encontrar não só a caça como também os peixes, mais hoje em dia a situação está mais difícil porque a quantidade de pessoas esta aumentando cada vez mais, e também por causa da invasão de não indígena nos igarapés dentro da reserva.

Os Karipuna sempre estiveram ligados ao comércio. Como foi dito anteriormente, antes mesmo da vinda para a Aldeia Manga, os Karipuna de Santa Izabel e Espírito Santo levavam seus produtos agrícolas para ser vendidos em Oiapoque. Porém, naquela época somente os comerciantes tinham embarcações adequadas para transportar seus produtos pelo rio. Nos primeiros tempos a comercialização era feita da seguinte forma, os comerciantes iam comprar a mercadorias na cidade de Oiapoque pelo rio e traziam para aldeia para trocar com os produtos dos agricultores da aldeia, por mercadorias como café, açúcar, sal, fósforo, sabão e outros de suas necessidades básicas. Os produtos da aldeia eram sobretudo farinha de mandioca, tapioca, laranja, banana e alguns couros de animais como de jacaré e de onça.

Com a implantação da escola e o avanço das tecnologias houve uma grande mudança na economia dos Karipuna, pois as pessoas começaram a estudar e foram se formando professores, técnicos de enfermagem e passaram a trabalhar na aldeia e, até mesmo em Oiapoque; ou seja, tornaram-se “assalariadas”. O governo começou a aposentar as pessoas mais velhas, implantou vários projetos sociais como bolsa escola, bolsa família e outros benefícios assistências do governo. Os produtores começaram a vender sua produção na cidade, adquirindo seu próprio dinheiro e comprando suas demandas na cidade, com isso a economia tradicional se transformou em uma nova economia. Mas ainda faz parte da economia tradicional, com grande destaque, é a produção da farinha e da banana, que tanto servem para o consumo como para a venda.

### **3. AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA ALDEIA MANGA A PARTIR DOS ANOS 1980**

A partir dos anos 1980 a Aldeia Manga passou por mudanças, como a demarcação das terras indígenas e a participação ativa na mobilização indígena em Brasília ocorrida em março de 198, com a finalidade de conquistar os direitos originários na nova constituição. Foi um acontecimento importante para o povo Karipuna e refletiu na Aldeia Manga, pois a experiência no movimento fez com que as lideranças conquistassem melhorias para a comunidade.

Também hoje as estruturas das casas mudaram muito desde quando chegaram neste local, naquela época às casas eram carbe cobertos de palhas de inajá ou buçu, com paus roliços, as paredes eram cercadas também de palhas e os soalhos de jussara; depois foram casas cobertas de palhas e cavaco, pau roliços e cercados e assoalhados com tabuas de ripão. Hoje as casas são feitas de madeiras e de alvenaria.

Com a mudança da família do Senhor Florêncio da ilha Jãnuel – ilha localizada a 200 m da aldeia – para Aldeia Manga estruturou-se a nova aldeia e sua formação, o respeito e a confiança foram adquiridos, família que passou a tomar conta da cooperativa de venda de produtos alimentícios, na qual trabalharam por muitos anos.

A renda da cooperativa e do caminhão era para ajudar na saúde e na educação. Esse primeiro transporte foi doado pelo CIMI, era um antigo um antigo caminhão de guerra pertencente ao Exército, serviu muitos anos na aldeia levando os produtos agrícolas dos moradores para a cidade de Oiapoque.

Segundo Nara Aniká (2011), no ano de 1982, para atender as crianças que dominavam apenas a língua portuguesa, foi introduzida na escola o Kheuol (Lekol Kheuol). Os professores Zildo e Cipriano foram preparados pela irmã Rebeca (CIMI) para ensinar na língua Kheuol, para desenvolver o Ensino Fundamental na língua na Escola Manga. Esta foi uma das primeiras iniciativas de fortalecimento da língua materna.

Esta mesma escola foi reformada e ampliada em 1993. Em 2002, devido ao aumento do número de alunos, o governo do estado construiu um prédio em alvenaria com infraestrutura para o funcionamento das aulas e, nesse período, as escolas indígenas receberam novas nomenclaturas, devido ao reconhecimento da categoria de escola indígena conforme previa o Plano Nacional de Educação (2001) em seus objetivos e

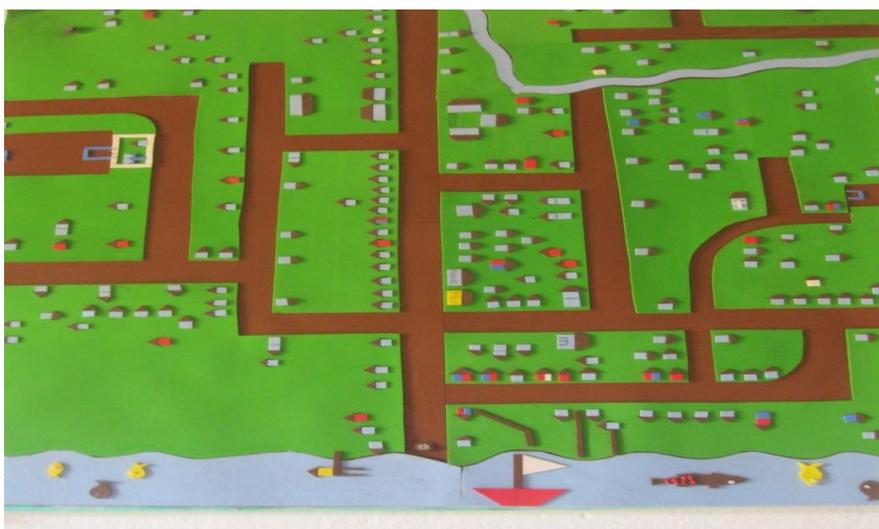
metas, item 06: “Criar, dentro de um ano, a categoria oficial de ‘escola indígena’ para que a especificidade do modelo de educação intercultural e bilíngüe seja assegurada”.

A partir de então, a escola passou a ser chamada “Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá”. Esta oferta o Ensino Infantil, o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª séries, onde atuam os professores indígenas, e ainda oferta estudos de 5ª a 8ª série e todo o Ensino Médio, com professores indígenas e não indígenas que fazem parte do projeto Sistema Organizacional Modular de Ensino Indígena (SOMEI). No Ensino Infantil, até a 4ª série, atuam somente professores indígenas, pois a alfabetização é feita de forma bilíngüe, ou seja, os alunos são alfabetizados tanto em português quanto em patuá.

A Escola Jorge Iaparrá atende 390 alunos desde a Educação Infantil até Ensino Médio, atualmente, com a formação da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP que com muita luta das lideranças ofereceu um curso específicos para os indígenas, estamos se graduando e assumindo as novas turmas de 5ª série regular, inclusive, pretendemos assumir todo o ensino Fundamental e Médio.

Na saúde encontramos muitas dificuldades, mas está melhorando, pois muitos indígenas foram buscar formação principalmente em técnico em enfermagem. Hoje temos 15 indígenas formados para trabalhar nas comunidades, além dos técnicos temos também os agentes de saúde e os Aisan.

Mapa 03: Mapa elaborado pelos AISAN e AIS da Aldeia Manga em 2012



Fonte: AISAN e AIS, Aldeia Manga.

Para encerrar, apresentamos um etnomapa elaborado pelos agentes de saúde AISAN e AIS da Aldeia do Manga em 2012, onde observa-se o número de famílias da aldeia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa registramos a história da Aldeia Manga a partir da formação inicial, destacando as dificuldades encontradas pelos moradores nos primeiros anos, bem como, as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Através das conversas e entrevistas levantamos os motivos da vinda para o lugar que se tornou a Aldeia Manga. Destacamos que os principais motivos foram os problemas que enfrentavam nas suas aldeias antigas dentre os quais saúde, educação escolar e, principalmente, a falta de terras para o cultivo de roças, já que as famílias estavam crescendo e o espaço era insuficiente.

O novo lugar encontrado, segundo os entrevistados, tinha grande fartura de alimentos como caça e pesca, sendo que as terras eram boas para o cultivo de roças. Esses motivos foram atraindo novas famílias para o local e logo formaram uma comunidade, com escolha de um cacique, que passou a conduzir a construção do ramal ligando a aldeia ao município de Oiapoque.

Concluimos que houve dois momentos de ocupação recente da Aldeia Manga. O primeiro foi com a vinda da família do senhor Florêncio Primos dos Santos, seguido de outras famílias. O segundo momento aconteceu em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, quando as lideranças indígenas decidiram ampliar a ocupação da região, com a criação de aldeias ao longo da BR 156, para impedir a entrada de caçadores e pescadores nas matas e nos rios próximos as aldeias e, com isso, motivou a vinda de novos moradores à Aldeia Manga.

De 1970 aos dias atuais, a Aldeia Manga passou por grandes mudanças, como o aumento populacional que trouxe consequências como o distanciamento das caças e escassez da pesca. Hoje temos que procurar um local longe para fazer roças. Buscamos melhorias na educação escolar e conquistamos grandes avanços, mas ainda temos muito a alcançar.

Ressaltamos que a investigação desta pesquisa foi uma experiência científica para nossa vida profissional como professoras e pesquisadoras na aldeia, pois com este trabalho aprendemos a registrar o nosso passado. Esperamos que esta pesquisa sirva para que os Karipuna conheçam um pouco de nossa história.

Esperamos que o registro escrito da história da Aldeia Manga sirva principalmente para a juventude que pouco demonstra interesse em conhecer a história do nosso povo. Por

outro lado, os momentos tradicionais de repasse do conhecimento estão enfraquecidos, pois nem todos os jovens vão para os mutirões de roça, lugar importante para a transmissão do conhecimento.

#### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ANIKÁ, Nara Anika dos Santos. **A Educação Escolar Indígena entre os Karipunas: História e perspectiva da Aldeia Manga.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, 2011.

ASSIS, Eneida C.. **Escola Indígena, uma “Frente Ideológica”?** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 1981.

CURRÍCULO, **Ensino Fundamental nas Escolas Indígenas Karipuna, Galibi-Marworno Palikur.** Oiapoque/AP, 2006.

GALLOIS, Dominique; RICARDO, Carlos A. (Org.). **Povos Indígenas no Brasil.** Vol. 3 Amapá/Norte do Pará. São Paulo: CEDI, 1983.

VASCONCELOS DOS SANTOS, Walter. **História Karipuna: protagonismo ontem e hoje. No fé no ixtua.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, 2011.